



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à rádio Tupi AM

Rio de Janeiro-RJ, 18 de agosto de 2009

Jornalista: Hoje, terça-feira, 18 de agosto de 2009, tenho a honra e o prazer de poder conversar com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ouvinte confesso da Tupi desde o começo, desde a sua chegada ao Sul, como dizem os nordestinos. Eu sou filho de cearense, com muito orgulho, sei falar também essa língua.

Presidente, muito bom dia. Fez boa viagem?

Presidente: Bom dia, Barbosa. Bom dia aos ouvintes da rádio Tupi. Bom dia, governador Sérgio Cabral. Bom dia, prefeito Eduardo Paes. Eu fiz boa viagem, sim. Foi rápido de Brasília para cá. É mais uma viagem minha ao Rio de Janeiro, mostrando ao povo do Rio de Janeiro, cada vez mais, a consolidação da interação e da integração entre o governo federal, o governo do estado do Rio de Janeiro e o prefeito do Rio de Janeiro. Nós estamos aqui hoje para inaugurar mais obras e, se depender da minha vontade, todo mês nós estaremos aqui para inaugurar uma obra, porque eu acho que o povo do Rio de Janeiro merece recuperar esta cidade e ela se transformar, outra vez, em uma cidade maravilhosa.

Jornalista: O senhor veio hoje para inaugurar obras do PAC e veio também para inaugurar obras em Nova Iguaçu, é isso?

Presidente: É. Na verdade, eu tenho conversado com o Governador e com o prefeito que é importante, sempre que possível, a gente marcar as inaugurações das obras do PAC, porque você sabe que o PAC, quando nós



lançamos ele em janeiro de 2007, muita gente achou que o PAC não iria funcionar. E nós estamos percebendo que... tivemos o primeiro ano, que era a construção de projetos, a aprovação de licença ambiental, e depois o PAC começou... E agora nós estamos na fase de inauguração daquilo que nós plantamos, ou seja, é a fase da colheita. Como aqui no Rio de Janeiro nós temos muito dinheiro em parceria com o governo do estado e com o prefeito da capital, nós temos que fazer o máximo possível, para inaugurar o máximo de obras possível, porque é exatamente a presença do Estado – do governo federal, do governo estadual e do prefeito – nos bairros mais pobres do Rio de Janeiro, junto com a ação policial que o Governador está fazendo aqui, que a gente vai poder devolver ao povo mais pobre do Rio de Janeiro o prazer de morar no Rio de Janeiro, o orgulho de morar no Rio de Janeiro, e perceber que a violência, cada vez mais, vai ficando uma coisa do passado na medida em que o Estado está presente fazendo políticas públicas para o povo do Rio de Janeiro.

Jornalista: Presidente Lula, os seus críticos dizem que as obras estão muito lentas, algumas mal começaram. Como é que está o relógio de obras do PAC no Rio de Janeiro?

Presidente: Bem, os meus críticos certamente não fizeram obras. Eles não sabem a dificuldade de fazer uma obra no Brasil. Hoje, Barbosa, só para você ter uma ideia, entre você pensar em uma obra, fazer o projeto executivo, fazer licenciamento prévio, fazer a licitação e começar uma obra, às vezes leva três anos, às vezes leva dois anos. Porque às vezes você demora [de] seis meses a um ano para o licenciamento; quando você faz a licitação, a empresa que perde entra na Justiça para impugnar a licitação. São mais meses e meses perdidos de briga no Poder Judiciário. Quando está tudo muito pronto, aparece alguém do Ministério Público e entra com uma ação também proibindo, é mais



um ano na Justiça. Virou uma coisa muito difícil. No Brasil você tem poucos para construir e muitos para proibir que você construa. Então, demora. Mas nós estamos fazendo uma coisa combinada, e eu acho que na história do Brasil é a primeira vez que nós construímos uma parceria muito sólida com os governos dos estados, com os prefeitos das capitais e com os prefeitos do interior para que todas as obras sejam entre os três entes federados, não apenas no governo federal. E o Sérgio Cabral pode te dizer melhor como é que anda... o andamento das obras aqui. Aliás, Barbosa, quando nós formos inaugurar a totalidade do Complexo do Alemão, quando formos inaugurar Manguinhos, eu quero que você vá para ver o tamanho da obra e o que aquilo vai significar para a melhoria do visual e da qualidade de vida do povo do Rio de Janeiro.

Jornalista: O senhor acredita que até o ano que vem o senhor vai cumprir 80%, 90%, o quê, do que está prometido para o Rio?

Presidente: Depende, depende. Se for uma obra como o Comperj, vai demorar mais, porque o Comperj é o maior investimento privado, hoje, no Brasil. São quase R\$ 19 bilhões ali em Itaboraí. É uma coisa fantástica porque vai mudar a cara do Rio de Janeiro, vai ser o maior complexo petroquímico da América do Sul. Essa é uma obra que vai até 2012, se não me falha a memória. Se você imaginar, por exemplo, o trem-bala, que vai ligar o Rio a São Paulo, é uma coisa que vai demorar, mas tem que começar, porque nós agora estamos na fase de projeto, daqui a pouco entra na fase de licitação e daqui a pouco começa a construção. Mas é uma obra que vai levar alguns anos para ser construída. O que é importante é que você tem obras estruturantes extraordinárias como o investimento em escolas técnicas, como o aperfeiçoamento das escolas públicas que o Sérgio Cabral está fazendo, que o prefeito está fazendo. O Rio de Janeiro, pela primeira vez, está tendo uma relação ente federal extraordinária, porque antigamente o que acontecia? Eu



tive experiência de quatro anos aqui. O governador era candidato, ele não queria conversar, ele não queria fazer acordo, estava sempre procurando um pretexto para não ter jogo combinado. O prefeito nunca esteve em nenhum ato em que eu estive aqui no Rio de Janeiro. Então, tudo era muito difícil, era como se você quisesse casar e a noiva não quisesse se casar com você. Agora, não. Agora nós fazemos um jogo combinado. Quando o Eduardo Paes e quando o Sérgio precisam de alguma coisa que eu posso fazer, não fico regateando com eles, não fico perguntando a que partido eles pertencem, não fico perguntando para que times eles torcem, que religião eles frequentam. Não. A nossa preocupação é melhorar a vida do povo do Rio de Janeiro. E eu acho que a gente poderia pegar como exemplo aqui no Rio de Janeiro, Barbosa, a indústria naval. Essa indústria saiu de 50 mil trabalhadores na década de 70, para 3 mil trabalhadores no ano 2000, e hoje voltou a ter 50 mil outra vez. Só que hoje ela virou uma indústria nacional porque como as encomendas são extraordinariamente grandes... são 200 navios da Petrobras, mais de 30 plataformas e tudo isso envolve uma indústria naval excepcional, com estaleiros em várias partes do País, para que o Brasil se transforme outra vez em uma referência da indústria naval. E o Rio de Janeiro, dentro do Brasil, é o estado ponta porque é o estado que tem mais experiência, é o estado que teve mais estaleiros, portanto, é o estado que só tem a ganhar com isso.

Eu acho que era importante já que o Serginho está aqui, conosco aqui, enquanto alguém pega um cafezinho para nós que, em vez de fazer um intervalo comercial, o Sérgio Cabral possa explicar o que está acontecendo no Rio de Janeiro porque ele é a maior autoridade aqui e ele sabe o que está acontecendo no Rio de Janeiro.

Jornalista: Queremos agradecer, a partir da fala do Presidente, a presença do Governador também nesta entrevista, do prefeito Eduardo Paes também.



Jornalista: Presidente, voltando, já que fomos aqui lembrados desse compromisso com as Olimpíadas. O Pan-americano saiu, o povo do Rio amou o Pan-americano, mas espera mais das Olimpíadas. Está aqui o Prefeito, daqui a pouco eu vou querer também comprometê-lo nessa história junto com o Governador, porque a gente sonha em virar uma nova Barcelona, onde tudo mudou: mudou o transporte, mudou a iluminação, mudou a segurança, mudou tudo. Podemos contar com o governo federal nessas Olimpíadas? Podemos pegar esse touro “à unha”, a la Barcelona, Presidente?

Presidente: Olha, eu só não sou mais cabo eleitoral das Olimpíadas no Rio de Janeiro do que o Governador e o Prefeito do Rio. Agora, eu tenho trabalhado, eu tenho conversado, eu tenho viajado e tenho mostrado para os delegados que vão votar que qualquer país que tiver uma olimpíada, seja Madri, que está reivindicando agora, seja Tóquio, sejam os Estados Unidos, Chicago, qualquer um deles, será apenas mais uma olimpíada, porque já tiveram. Os Estados Unidos, entre Olimpíadas e Olimpíadas de Inverno, já fizeram oito. Barcelona já fez, Tóquio já fez. A América do Sul, a América Latina só teve um Jogos Olímpicos que foram no México, em 1968. Ora, não é justo que o Brasil que está entre as dez maiores economias do mundo há 30 anos, o Brasil que é um dos países industrializados do mundo, um país que tem uma demonstração de uma vocação enorme para o esporte, não é justo que o Brasil não seja escolhido. Para os outros é apenas mais uma olimpíada, para nós é uma oportunidade de mostrar a nossa autoestima, de mostrar a nossa competência, de mostrar que a gente pode fazer melhor do que eles. Eu estou convencido disso. Uma coisa importante, Barbosa, que... algumas pessoas, “Mas o Brasil é pobre, não tem dinheiro, o Brasil não sei das quantas...”

Agora mesmo, quando nós viemos da Copa do Mundo, eu ouvi algumas pessoas dizerem: “Como é que o Brasil vai fazer isso?” Ora, se na década de 50, que o Brasil era só exportador de café, o Brasil fez uma Copa do Mundo,



por que o Brasil não pode fazer uma Copa do Mundo extraordinária em 2014? Por que o Rio de Janeiro não pode fazer? Veja, qualquer estádio... Eu fui na inauguração do Estádio de Wembley, eu fui. Lá é um estádio de futebol. O Maracanã é uma casa de espetáculo diante deles. Ora, um estádio construído 50 anos atrás, um estádio... Cinquenta, não. Cinquenta e oito anos atrás. São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, nós temos condições de fazer uma Copa do Mundo extraordinária, e mais ainda. Nós já fizemos o Pan, agora em 2011 tem os Jogos Militares, depois tem a Copa do Mundo, antes tem a Copa das Confederações. Tudo isso terá um conjunto de obras públicas combinadas entre governo federal, governo estadual e governo municipal, para que quando chegar nas Olimpíadas, nós estejamos prontos para fazer a melhor e a mais extraordinária olimpíada. Eu tenho a convicção plena de que quem vier para cá participar dos Jogos Olímpicos, vai sair daqui dizendo que não existe povo mais extraordinário do que este povo brasileiro, não existe povo mais alegre, povo mais sensato, povo mais, eu diria, apaixonado do que o povo brasileiro.

Então, eu te confesso, Barbosa, que eu às vezes fico triste quando eu encontro uns brasileiros que têm complexo de inferioridade, aquelas pessoas que pensam pequeno: “Eu não posso, nós não temos condições, eu não sei das quantas”. Eu, para mim, essa palavra não existe. A única coisa impossível é Deus pecar. O resto, a gente tudo pode.

Jornalista: Daqui a pouco eu vou perguntar sobre futebol, mudança de calendário. Eu só queria trazer a conversa para o prefeito Eduardo Paes. Prefeito, bom dia. Obrigado por estar também na nossa conversa.

Prefeito Eduardo Paes:

Jornalista: E nós, muito felizes com esse triangular de interesses com o Rio de Janeiro que, durante muitos anos, o Governador mesmo disse e o Presidente



relembrou, éramos abandonados pelo governo federal, por desentendimento político, que é o que a gente sempre lamentou. Agora, Olimpíadas chegando. O Rio de Janeiro vai mudar? Porque a gente ficou feliz, mas não ficou satisfeito com o PAN. Faltou alguma coisa mais abrangente, mais... que abraçasse mais o Rio todo. A gente vai poder contar com isso em uma Olimpíada aqui?

Prefeito Eduardo Paes:

Jornalista: Deixe-me pegar essa bola. Presidente, vai mudar o calendário do futebol brasileiro ou não vai?

Presidente: Primeiro, deixe-me só voltar a essa questão da Olimpíada, que é muito importante, Barbosa, para os ouvintes da rádio Tupi do Rio de Janeiro e para o povo brasileiro. Uma nação não é grande apenas porque ela tem dinheiro, porque ela tem tecnologia ou porque ela tem Forças Armadas fortes. Uma nação é grande quando seus homens agem com grandeza. Imagine se você se levanta de manhã, Barbosa, achando: “ah, hoje o dia está ruim, está chovendo, não vai dar nada certo”, se levanta azedo. Você tem que se levantar com otimismo. Se tem uma coisa que está atrapalhando, tire aquele obstáculo da sua frente e vamos tocar o barco. A nossa vida é muito curta, a gente não tempo para chorar ou para reclamar. Então, eu acho que governar é um pouco isso. Eu sempre me baseio no seguinte... tem muita gente que se baseia nos grandes economistas. Para mim, a minha referência é o papel de uma dona-de-casa. Uma dona-de-casa tem dez filhos, mas você pode ficar certo de uma coisa: ela gosta dos dez, ela trata os dez em igualdade de condições, mas se tiver um que está mais fraquinho, debilitado, você pode ficar certo de que o segundo bife será para aquele, não será para o que está bom. Nós... o Rio de Janeiro, vamos ser francos, a geração que governou este país 40 anos atrás, 50 anos atrás, foi uma geração quase criminosa com o Rio de Janeiro, porque



o que é favela hoje era tudo fazenda. Se isso tivesse sido ordenado [feito de forma ordenada], de forma correta 50 anos atrás, nós hoje não tínhamos... A favela, antigamente, era sinônimo de poemas. Quantas músicas enalteciam as favelas? Era uma coisa maravilhosa. Hoje, não. Hoje a favela virou sinônimo de violência. Por quê? A sociedade, na medida em que ela vai sendo escoraçada... nós passamos vinte anos sem crescer este país. Foi crescendo o número de pobres. Eles iam para onde? Para um morro, para uma beira de uma encosta, para uma beira de um córrego. Nós, agora, estamos gastando dinheiro para fazer reparação nos desmandos que aqueles que governaram este estado, 30 anos atrás, 40 anos atrás, praticaram. Isso vale para o Rio, vale para São Paulo, vale para o Nordeste. Como é que um governador deixa o povo morar em palafitas, andando em cima de um mangue, comendo um caranguejo que come as fezes que ele faz todos os dias? Se tivesse atacado logo no começo, não deixado surgir a primeira palafita, nós não teríamos esse desmando que nós tivemos no Brasil.

Então, nós estamos fazendo isso, independentemente de Olimpíadas. É obrigação nossa, é obrigação nossa. Se a gente trabalhar sério mais dez anos neste país, a gente consegue reverter a situação de degradação a que foi submetido o povo brasileiro, sobretudo a parte mais pobre da população.

E aí entra a questão do esporte, meu filho. O esporte é uma paixão nacional. Para milhões e milhões e milhões de brasileiros, o único divertimento que eles têm na vida é, no domingo, poder ligar a televisão e ver um joguinho de futebol. Não é isso? Milhões. Tem uns que podem ir ao teatro, tem outros que vão para Paris, tem outros que vão para Londres, tem outros que vão para Búzios. Mas, a maioria só tem como divertimento: uns vão para o bar e outros ficam em casa vendo televisão.

Ora, os nossos times estão todos falidos. Nós já fizemos uma série de leis para que a gente possa recuperar os nossos times. É preciso melhorar muito ainda. Mas, hoje, o que acontece? Nós, brasileiros, não vemos mais um



craque em campo. Se a gente quiser ver, a gente tem que ligar em uma TV a cabo e ver o campeonato inglês, o campeonato espanhol, o campeonato italiano, agora o campeonato russo: o campeonato do Cazaquistão, do Uzbequistão. Daqui a pouco estamos vendo o campeonato de Dubai, do Catar, da Turquia. Ora, por quê? Porque nós, hoje... O Luxemburgo disse uma frase que é verdade: “Nós já fomos o país do futebol”. Nós já fomos o país do melhor futebol do mundo. Hoje nós somos o país maior produtor de craques do mundo. Mas eles saem daqui com 17 anos, com 18 anos, com 15. Hoje estão contratando o pai para trabalhar lá, para poder levar o filho.

Então, o que nós vemos? Nós vemos um menino sair jovem, ainda uma esperança, e volta aposentado, como voltou agora o Edu para o Corinthians, como voltou agora o Ronaldão para o Corinthians, tudo em fase de se aposentar. Por quê? Porque os craques não podem germinar mais neste país. Marcou dois gols, já está lá para fora. Bom, é um direito natural de um menino pobre ter uma oportunidade de ganhar milhões por aí. Eu acho legal isso, acho importante, e não quero proibir isso. O que eu quero proibir? Eu quero que a gente encontre um jeito de não desmontar os times no meio do Campeonato. Eu quero encontrar um jeito de não desmontar os times. O Flamengo, o Vasco, o Botafogo, o Fluminense, o América, começou um campeonato, enquanto não terminar o campeonato ele não pode vender jogadores. Na hora que terminar o campeonato, ele pode vender quem ele quiser, porque o jogador também quer ir embora. Este aqui é um país livre, se o cidadão quer ir morar em outro lugar, ele vai morar em outro lugar e vai ganhar o seu dinheiro. Tudo bem. Agora, não pode é desmontar. Eu vejo times serem desmontados no meio do campeonato. Vamos pegar o Internacional, de Porto Alegre, agora; vamos pegar o Corinthians, que vendeu quatro jogadores; vamos pegar o Vasco da Gama, vamos pegar o Flamengo. Todo mundo, na hora em que o jogador começa a se destacar, no meio do campeonato, desmonta o time. O time não tem banco, então o time cai para a Segunda Divisão. O Corinthians, no ano que caiu,



vendeu seis jogadores no meio do campeonato. O que eu quero, na verdade, é ver se a gente consegue... e não quero fazer isso por força de lei, eu quero fazer isso por força de um acordo entre os diretores de times de futebol, a Federação brasileira, a televisão, as rádios. [Com] quem ajuda a financiar o futebol, [com] quem ganha dinheiro com o futebol eu quero fazer um pacto, ou seja, de a gente ter um calendário combinando com o calendário dos países que mais comprem jogadores, para que eles fiquem impedidos de comprar jogadores até... eles podem até comprar em janeiro, se quiserem, mas o jogador tem que terminar o campeonato aqui, para depois ir embora. O que já é grave, porque quando o cara é contratado, ele já não quer botar o pé na bola com toda a força, porque não quer se contundir. Então, como eu acho que o futebol brasileiro é uma paixão nacional, é o único divertimento de milhões e milhões de brasileiros, eu quero garantir que a ruindade dos times de futebol não seja mais uma razão de revolta do povo brasileiro. As pessoas têm que compreender: o que leva gente a um estádio? É quando o time está bom. O Flamengo é um time de futebol, o Vasco é um time de futebol, o Botafogo é um time de futebol, o Corinthians é um time de futebol. Ou eles têm craques para levar gente para o campo, ou eles não têm craques. E ainda hoje, com a TV a cabo, fica pior ainda, porque a televisão aberta quase não transmite jogos. Se o cidadão tiver que ver o jogo, ele ainda tem que ter dinheiro para fazer a contratação de uma televisão a cabo para ele poder ver um jogo de futebol. Então, nós estamos criando uma certa dificuldade para que os milhões de brasileiros mais humildes vejam aquilo que é o seu prazer predileto nos finais de semana. Eu não quero fazer disso uma guerra, eu não quero fazer disso uma briga. Eu quero fazer disso a construção de um tratado entre todas as pessoas de bom senso do Brasil, para ver se a gente vê o Vasco sair da Segunda Divisão, para ver se a gente vê o Flamengo não apanhar de 4 X 1 do Grêmio do jeito que apanhou agora, para a gente ver o Santos, o Corinthians, o Palmeiras, o Grêmio, o Internacional, o Atlético com aqueles times que nós já



tivemos. Nós nunca mais vamos ver um Vasco como aquele que foi campeão em 89. Nós nunca, nunca mais vamos ver um Flamengo do tempo do Júnior ou do Zico. Nós nunca vamos ver um Corinthians do tempo do Sócrates e do Zenon, Casagrande. Por que não vemos ver? Porque não se permite mais que os times mantenham os seus jogadores. E não é que ganham pouco aqui. Ganham razoavelmente bem os jogadores de futebol. É só perguntar quanto ganha o Carlos Alberto no Vasco da Gama, Sérgio Cabral, que você vai perceber que deve estar acima de R\$ 300 mil. Mas, lá fora, ele vai ganhar 600.

Então, o que eu quero – e aí eu conto com o apoio dos radialistas brasileiros – é a gente tentar encontrar uma solução de fazer os times de futebol do Brasil voltarem a ser aquela paixão que já foram durante muito tempo.

Jornalista: Presidente, não posso escapar desse assunto, que é o assunto das capas dos jornais, das rádios todas, da própria rádio Tupi – já botei isso no Super Debate Tupi. O senhor é um homem que conseguiu uma popularidade na história do Brasil que nenhum presidente jamais teve. O senhor, quanto mais embate tem, quanto mais problema tem, quanto mais crise tem, mais sobe. Inclusive, o senhor sabe muito bem porque é um homem muito bem informado a respeito das nossas conversas no rádio e na mídia, nós costumamos chamar o senhor de presidente Teflon ou T-fal: nada pega. Não adianta jogar, que o senhor se livra. Joga problema, o senhor se livra, e se livra enfrentando. Não se livra correndo dos problemas. O cidadão brasileiro acompanha o senhor desde ABC, desde sindicato, é seu fã. Tem mais do que um presidente, tem uma identidade com um homem que veio do nada e alcançou o máximo dentro do seu país. Como é que dá para, de repente, ter a maior popularidade e, ao mesmo tempo, a maior negação, ser o... O presidente do Congresso, o José Sarney, o senhor está defendendo um homem que o senhor já criticou tanto. Como é que o senhor explica isso e como é que o



povo... Como é que isso vai continuar? Qual é o próximo capítulo dessa história na sua visão de estadista?

Presidente: Barbosa, primeiro uma coisa importante é que o povo brasileiro hoje já não precisa mais de intermediário para fazer a sua compreensão política. Aquele negócio do formador de opinião pública caiu por terra. Aparecer um cidadão todo “engravatadinho” na televisão, às 10 horas da noite, dando palpite, achando que aquilo vai mudar a cabeça das pessoas, acabou. Acabou porque o povo tem rádio, o povo tem mais alternativa de jornal, o povo tem internet e o povo está mais esperto, está estudando, está comendo mais. O povo percebe, pelo olho, quando a pessoa está mentindo ou está contando a verdade. Se eu vou à televisão, todos os dias, para falar mal de você, Barbosa, um dia começa uma indagação na cabeça das pessoas: “Poxa, será que esse Barbosa não tem nada de bom, que esse Lula só fala mal dele?” E o povo começa a fazer o seu próprio julgamento. Ora, o que acontece é o seguinte: é que as pessoas que falam mal do governo são muito preconceituosas. As pessoas não fazem uma crítica com pé e cabeça. As pessoas vomitam preconceito contra o governo, e isso as pessoas percebem. Por quê? Porque as nossas políticas não chegam às pessoas pela televisão, com propaganda, elas chegam na coisa real, o povo percebe. O povo que recebe o Bolsa Família, o povo que recebe o salário mínimo, o povo que está sendo atendido pelo Ministério da Pesca, pela Secretaria dos Direitos Humanos, os portadores de deficiência, eles não estão ouvindo na televisão uma propaganda que não chegou a eles, eles estão sabendo que a política está dentro da casa deles.

Quando nós colocamos 545 mil jovens no Prouni da periferia, dos quais 40% jovens negros – você vê que começou a parar a discussão das cotas. Por quê? Porque o Prouni vai chegar a 720 mil alunos, no próximo ano, de jovens da periferia, de escolas públicas, que estão fazendo universidade. Você está lembrado que aqui neste estado houve jornalistas que fizeram críticas



profundas, dizendo o seguinte: “o Lula está nivelando a educação por baixo, colocando pobre na universidade”. Pois bem, depois de três anos, na avaliação do MEC, os melhores alunos, em 15 áreas, eram exatamente os pobres da periferia deste País.

Então, as críticas preconceituosas, o povo nota. Então você fala: “bom, Lula por que você apóia o Sarney?” É menos do que apoiar um homem, é apoiar a instituição. Você não pode, a cada vez que alguém fizer uma denúncia ao Sérgio, você tirar o Sérgio, ou daqui a pouco, se alguém fizer uma denúncia do Eduardo Paes, você tira o Eduardo Paes. O que eu defendo? Eu defendo o seguinte: que haja um processo justo de investigação, uma apuração correta, depois se faça o julgamento correto e, depois, se a pessoa for culpada ela paga pelo crime que cometeu.

Veja o Sarney: pediu investigação da Polícia Federal para o filho dele, pediu para a Fundação Getúlio Vargas fazer um estudo da situação do Senado para um novo gerenciamento do Senado. Até agora, ele tomou as medidas que tinha que tomar, sem ter que esperar a investigação. Se nós, Barbosa, se nós achamos que as pessoas têm que ser condenadas pela manchete de um jornal, ninguém consegue mais fazer nada no País. Eu defendo para mim, defendo para você, e defendo para a pessoa mais humilde que está nos ouvindo: eu quero um julgamento correto, eu quero que haja investigação, a mais séria possível, que haja julgamento pelas instituições pertinentes para fazer esse julgamento, e se a pessoa for condenada, se condena. É isso que eu quero. O que eu não quero é esse oba-oba do denunciamento, porque isso não dá certo em lugar nenhum do mundo.

Eu estava lembrando o seguinte: este País teve um presidente que governou com mão dura durante 15 anos, chamado Getúlio Vargas. Quase tudo que nós temos hoje foi feito por aquele homem, inclusive a Petrobrás. Esse homem, em quatro anos de democracia, foi levado ao suicídio porque era chamado de ladrão todos os dias, era chamado de corrupto todos os dias. Não



aguentou, e se matou. Juscelino Kubitschek era chamado de ladrão todos os dias. É só pegar a imprensa da época e pegar os denunciadas da época. Quem eram? Era a UDN, moralizadora, porque a direita está cheia de ética para vender. Pois bem, depois nós tivemos o Jânio Quadros. Entrou, com seis meses renunciou por causa de forças ocultas. Depois o João Goulart era vice-presidente, tinha que assumir, tiveram que fazer um conchavo, criar o Parlamentarismo, Tancredo foi primeiro-ministro, ele assumiu a Presidência, caiu algum tempo depois. Depois foi o Collor.

Se a gente não toma cuidado, meu caro, se a gente não toma cuidado, a gente vai elegendo um prefeito, um governador, no ano seguinte você derruba ele. Não. O que eu quero é o seguinte: eu quero só justiça. O que eu quero para o meu inimigo, eu quero para mim. O que eu quero para o mais humilde, eu quero para o presidente da República. Tem uma denúncia? Tem. Investigue. Foi culpado, puna da forma mais rigorosa que tiver.

O Senado tem instrumentos. O Senado já cassou o Antônio Carlos Magalhães, já cassou o Jader Barbalho, já cassou o Arruda, já cassou outros senadores, cassou o Renan. Ora, então, façam um processo de investigação. O Sarney tem culpa? Tem. Merece ser cassado? Casse. Agora, o que não dá é as pessoas acharem que você pode trocar um presidente da instituição todo santo dia, todos os dias. Teve uma denúncia, tira. Aí, ninguém tem estabilidade para isso. Então, o que eu quero é isso, apenas isso: justiça.

Jornalista: Para fechar. Presidente, são sete anos de poder e não é mole. O senhor acorda trabalhando, dorme trabalhando, sete dias por semana, 365 dias por ano. Até quando está passeando sabe que nós estamos de olho no senhor: onde o senhor nada, que peixe o senhor pesca, onde o senhor come pirão. Tudo isso a gente está de olho o tempo todo, o senhor sabe disso. O que o Lula, o Luiz Inácio, sente mais falta, que não consegue fazer direito nesses sete anos e gostaria de fazer mais?



Presidente: Falta de liberdade individual. Deixa eu te contar uma coisa. Eu passei 27 anos da minha vida dentro de uma fábrica. Então, o meu compromisso na fábrica era sair de casa às 7 horas, eu entrava às 15 para as 8, às 6 horas da tarde eu saía. Aí ia jogar bola, futebol de salão, tomar as minhas biritas com os meus companheiros, tomar a minha cerveja com os meus companheiros. Final de semana, dois finais de semana por mês, eu levava a Marisa para comer em um restaurante com as crianças, ia visitar parentes. Ora, depois que eu virei presidente da República, Barbosa, só para você ter ideia. Eu estou há sete anos na Presidência. Eu, lá em Brasília, nunca fui a um jantar, nunca fui a um restaurante, nunca fui a um aniversário, nunca fui a um casamento. A minha vida é levantar às 6 horas da manhã, fazer uma horazinha de ginástica, ir trabalhar e voltar às 9, 10 horas da noite todo santo dia, todo santo dia. De vez em quando eu janto no Palácio com o Sérgio, quando eu venho aqui, quando eu vou em outro estado, eu janto com o governador, sempre na casa. Por quê? Porque eu me integrei totalmente... me entreguei totalmente ao cargo, porque se a gente fica jantando muito, fazendo muita coisa, você vai ficando vítima de futricas, de exploração. Hoje, com o celular, todo mundo pode tirar fotografia, pode gravar, pode fazer qualquer coisa. Então, eu acho que o exercício da Presidência é uma coisa sagrada. Do que eu sinto falta? Eu sinto falta da convivência com os meus amigos. Eu não posso chamar um ministro em casa porque eu tenho mais de 30 [ministros] e se eu chamar um os outros vão ficar com ciúmes. Eu não posso chamar um governador amigo para ir em casa, porque tem 27 [governadores] e os outros vão ficar com ciúmes. Então, minha vida ficou restrita, eu e a Marisa, e uma vez por mês, os meus filhos, ou eles vão a Brasília, ou eu vou a São Paulo para vê-los. Eu tenho um desejo enorme de, quando terminar o meu mandato, voltar um pouco à vida normal, poder encontrar os meus amigos, poder contar piadas, poder tomar a minha...



_____ : (incompreensível) na praia, Barbosa. Ele diz que o sonho dele é dar um mergulho aqui na praia de Copacabana.

Presidente: Eu nunca botei o pé na areia de Copacabana.

_____ : olha (incompreensível)

_____ : Meu Deus!

Presidente: Nunca, nunca botei o pé na areia de Copacabana. Eu, para ir agora em um praia, eu tenho que ir escondido. Escondido, que eu digo, é: ou eu vou na casa da Marinha, na Bahia, ou eu vou aqui em Marambaia. Eu vou a alguns lugares em que a gente possa ficar livre porque, senão... está certo que eu tenho um corpinho elegante, mas a imprensa fica tirando fotografia a toda hora... E tem hora em que você precisa estar sozinho, tem hora em que você precisa descansar. Então, eu acho que a coisa mais grave que um presidente perde, que um político perde, é a sua individualidade.

Jornalista: E quando está sozinho, não tem ninguém olhando, ninguém vendo, quatro paredes... O que o Presidente gosta de... Primeiro, faz? Gosta de Fazer? Está sozinho, tem meia hora, uma hora, duas horas. São minhas! Faz o quê?

Presidente: Eu, por exemplo, no sábado, quando eu estou em casa, eu gosto de pescar com a d.Marisa. Eu gosto de pescar. Eu tenho...

_____ : (incompreensível) história.



Presidente: Não, eu gosto de pescar, e tem peixe, porque nós criamos peixe. Lá dentro do Alvorada tem um laguinho em que a gente cria peixes.

Eduardo Paes:

Presidente: Não, mas eu vou te levar. Olhe, é verdade. Eu tenho peixe, eu tenho pintado de 30 quilos, de 20 quilos. Eu tenho pacu de 12 quilos, 11 quilos, 10 quilos. Eu tenho tilápia de 4 quilos, 5 quilos. Eu tenho piraputanga, eu tenho pirarara, tem bastante peixe, mas tudo... a gente pensa que é fácil pescar porque está no lago. No sábado mesmo, eu fiquei com a Marisa das 9h da manhã às duas horas da tarde e não consegui pegar um peixe. Eu fico me perguntado o porquê. Eu coloco carne, coloco massa, coloco goiaba, coloco salsicha, coloco o que você possa imaginar, seis ou sete molinetes, e não pego um, um. Eu acho que é por causa do frio. Mas, então, eu gosto disso. Eu agora estou lendo o novo livro do Chico, "Leite Derramado". Então, eu passo um pouco da noite lendo, eu não consigo ler muitas páginas por dia, porque me dá sono. E vejo televisão, quanto mais bobagem, melhor para mim. Eu quero é limpar a minha cabeça, eu... todos os meus ministros sabem, que ninguém me liga depois das 10 horas para dar notícia ruim. Não quero notícia ruim porque você não consegue fazer nada, só vai perder o sono. Então, se tiver uma notícia boa, deixe para o dia seguinte; uma ruim, deixe para o dia seguinte também. Não gosto que me liguem nos finais de semana, a não ser que tenha um problema gravíssimo, porque também tem pessoas que ligam para qualquer coisa. Então, eu acho que tem hora de trabalhar... Eu não meço esforços para trabalhar. Eu começo às 6, vou até à meia-noite, eu não me canso. Mas quando chega no domingo que eu estou livre, aí eu quero relaxar.

Jornalista: Presidente, todos nós somos, nas nossas casas, muito influenciados pelas nossas mulheres. Para ser mais franco, elas mandam nas



nossas vidas.

Presidente: Mandam.

Jornalista: A dona Marisa tem dado muita bronca no Presidente?

Presidente: Não é bronca. O problema é que a gente briga com as mulheres e, por mais que a gente não queira, 99% das vezes elas estão corretas. Esse é o dilema do homem, é que normalmente elas estão corretas. Eu vou dar um exemplo desta semana. Esta semana eu não vou almoçar nenhum dia com a dona Marisa e não vou jantar nenhum dia com a dona Marisa. Não há mulher que aguento isso, não há mulher que aguento isso. Por mais que você explique “eu vou jantar com o governador, eu vou almoçar não sei com quem, eu vou viajar para o Acre, eu vou viajar para o Rio, eu vou viajar para a Bolívia”, tudo isso é uma explicação política para você. Mas a mulher, que está lá esperando, ela fala: por que não tem meia hora para mim? Então, eu acho que as mulheres sempre têm razão. Eu estou casado há 35 anos, Barbosa, e eu acho que o casamento é um jogo de paciência, é um jogo em que você tem que ceder, a companheira tem que ceder, e sempre estar procurando o caminho do meio, porque se for esticar a corda ela arrebenta. Então, eu aprendi muito nesses 35 anos. Você sabe que eu devo muito o que eu sou à Marisa, à personalidade dela, à dedicação dela para cuidar dos meus filhos.

Então, eu agora quero paz e sossego, quero paz e sossego. Eu vou deixar a Presidência com 64 anos. Não, eu completo 64 agora e vou deixar com 65, porque eu completo 65 no dia 27 de outubro do ano que vem. Aos 65 anos, eu tenho consciência de que o tempo que eu tenho pela frente é infinitamente menor do que o tempo que eu já tive para trás. Então, eu preciso melhorar a qualidade de vida para mim nos próximos anos. Então, eu vou tentar cuidar de ver o que eu vou fazer, que seja confortável para mim, que



seja bom para mim. A única coisa que eu posso te garantir é que eu não vou deixar de fazer política, não vou deixar de fazer política. Vou continuar na política, fazendo outras coisas.

Jornalista: Para fechar, Papai Noel deu um desejo, concedeu um desejo, um presente para o presidente do Brasil para agora, para hoje. Vai antecipar o Natal, vai dar hoje. Qual o presente que o senhor gostaria de ganhar hoje? Que presente?

Presidente: Eu, do ponto de vista pessoal, não queria ganhar nada. Eu nunca ganhei presente na minha vida até os 18 anos de idade. O primeiro presente que eu ganhei fui eu mesmo que comprei: uma bola de borracha, não era nem de capotão. Eu falo capotão, a molecada que está ouvindo aqui nem sabe o que é capotão. Essa bola profissional que a gente joga hoje, antigamente a gente chamava a bola de capotão. Era uma bola dura que você, era costurada com corda, que você terminava o jogo, você tinha que passar sebo, gordura nela, nos gomos dela, para não trincar. E a chuteira também não era moderna como hoje, a gente passava sebo para a chuteira ficar... Vai à sede da Fifa ver a chuteira que o Pelé jogava em 58, para você ver, se ele tivesse uma chuteira dessas que a meninada tem hoje, o que ele não faria com a chuteira!

Então, eu vou te contar o presente que eu gostaria de ganhar: eu gostaria de concluir o meu governo fazendo as obras [com] que nós nos comprometemos. Eu, a única coisa que eu quero levar da vida, Barbosa, é a minha relação de amizade, eu prezo muito a amizade. Para mim, a amizade é a coisa mais sagrada. É você saber quantos amigos você construiu na vida. Eu acho que eu tenho muitas amizades, então eu quero preservar isso. Olha, e se Deus me der saúde e o papai Noel me trazer saúde, para mim já está de bom tamanho, eu não preciso de mais nada na vida a não ser viver o tempo que eu tenho pela frente com tranquilidade.



Jornalista: Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, muito obrigado por esta entrevista. Vocês não podem ver o Presidente, aqui, com a voz embargada e o olho lacrimejando, mas é um homem que fala com o coração. E por isso tem a resposta que tem do povo brasileiro, que fala com o coração também. Deus dê paz, saúde e tranqüilidade, felicidade, sabedoria para o senhor todos os dias, não só de governo, para sempre ta, Presidente. Muito obrigado, em nome da família Tupi do Rio de Janeiro.

Presidente: Barbosa, eu queria te agradecer e pedir ao povo do Rio de Janeiro o seguinte: olhe, eu frequento o Rio desde 1975. Portanto, já faz 34 anos que eu frequento o Rio de Janeiro, como como dirigente sindical e depois como presidente do PT. Nunca vim aqui numa viagem de turismo, porque nunca pude pagar uma passagem de avião para vir [em viagem] de turismo a lugar nenhum do Brasil.

Mas eu conheço o Sérgio Cabral há pouco tempo. Eu acho que o Rio de Janeiro há muito tempo não tinha um governador com a alma, com o coração que tem o Sérgio Cabral. É o que eu chamo “um carioca gema do ovo”. Eu acho que o povo do Rio tem que aproveitar isso porque nós aprendemos a trabalhar juntos, aprendemos a trabalhar. Você não sabe o que a gente ganha! É como time de futebol, você conhece bem futebol: aquele jogador que pega a bola e passa direitinho, recebe direitinho, daqui a pouco o time marca um gol. Mas se tem um farofeiro que pega a bola e quer driblar todo mundo até cair, e ainda quando cai, finge que está caindo, esse não vai a lugar nenhum. Eu acho que essa harmonia que nós estabelecemos aqui no Rio de Janeiro exige continuidade. Quebrar isso eu acho que é a gente trincar a possibilidade do Rio de Janeiro dar um salto excepcional. Eu, na verdade, dou mais 10 ou 15 anos para que o Rio de Janeiro, na fotografia, apareça bonito com as favelas virando bairro, os barracos virando casas de alvenaria, os lixões virando escolas.



Eu vou só terminar dando um número para você, porque esse número é motivo de orgulho para mim, e o Sérgio Cabral depois pode dizer quantas escolas nós fizemos aqui no Rio de Janeiro. A Proclamação da República aconteceu em 1889. De lá para cá, você conta quantos presidentes teve o Brasil até 2003. Todos os presidentes, desde a Proclamação da República – e começou em 1909, com Nilo Peçanha fazendo a primeira escola técnica em Campos dos Goytacazes –, todos os presidentes que passaram pelo Brasil fizeram 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, vamos fazer 214 escolas técnicas. Ou seja, em oito anos, nós estamos fazendo uma vez e meia o que foi feito em um século neste país. Se entrar outro governante e fizer mais isto aqui, e outro fizer mais isto aqui, daqui a pouco nós estamos melhores do que a França, melhor do que a Inglaterra, melhor do que qualquer país do mundo. Agora, isso aqui é determinação. Investir em Educação hoje é obrigação ética, moral e política de qualquer governante. O Sérgio Cabral, o Eduardo Paes e qualquer outro presidente que vier, não dormirão tranquilos se a gente não tiver consciência de que nós demos aos nossos jovens, no meu caso, a oportunidade que eu não tive. Eu ainda ganhei um curso no Senai, mas eu sei o que é um jovem com profissão e um jovem sem profissão.

Então, isso aqui é uma coisa sagrada, e eu acho que no Rio de Janeiro nós estamos fazendo muita coisa, muitas universidades – são 105 extensões universitárias, no Brasil, que nós estamos fazendo; 12 universidades novas; 1 universidade latino-americana e outra universidade afro-brasileira – que é para a gente mostrar o tamanho do Brasil. O Brasil não é um país hoje pedinte de dinheiro. O Brasil é um país doador, que tem que pagar as suas dívidas com os africanos ajudando eles a se educarem.

Eu acho, Barbosa, que radialista como você e outros pelo Brasil, têm um papel importante. Eu jamais te pediria para não fazer uma crítica a mim, jamais. Jamais eu te pediria: Barbosa, não me... Não. A única coisa que eu peço é o seguinte: a crítica pode ser contundente quando ela merecer. Agora, que



também ninguém tenha vergonha de defender as coisas boas que são feitas, porque é a lógica, não é isso? Então, eu acho que o rádio – pode vir televisão, pode vir TV digital –, o rádio continua sendo a amante do povo brasileiro, porque não tem quem não esteja ouvindo rádio. Agora mesmo deve ter uma mulher na cozinha preparando o almoço para o filho, deve ter uma xingando o marido ali de lado, deve estar uma no carro, deve estar uma no escritório, ouvindo o quê? Não está vendo televisão, não está conversando no celular e está ouvindo o Barbosa aqui na rádio Tupi.

Um abraço, e até a próxima vez, querido.

Jornalista: Obrigado, Presidente. Obrigado, bom dia.

(\$31DHJLP)